Lucas Seixas

Brasileiro sem estereótipos

Estreando na tevê aberta, o ator pernambucano Thomás Aquino tem vasta experiência no streaming e no cinema, inclusive internacional, com papéis que refletem a força, a cultura e o valor do Nordeste na história do país

POR PATRICK SELVATTI

Em um cenário em que a arte se entrelaça com a identidade, Thomás Aquino ergue a bandeira de suas raízes com orgulho e poesia. Sua fala, cheia de pausas reflexivas e entonações calorosas, revela mais do que uma trajetória profissional: é um compromisso com a transformação social através da representação. No ar como Mário Sérgio no remake de *Vale tudo* — a primeira novela entre inúmeros trabalhos no streaming, como as séries *Os outros*, *DNA do crime*, *Vidas bandidas* e, mais recentemente, *Guerreiros do Sol* —, o ator pernambucano conversou com a Revista sobre maturidade e representatividade artísticas.

Thomás fala de projetos que, embora filmados há anos, só agora ganham luz. Como o filme *Paterno*, com Marco Ricca e direção de Marcelo Lordello, gravado há sete anos, ou *Guerreiros do Sol*, gravada em 2023, em que protagoniza uma jornada que mergulha no universo dos cangaceiros — não como estereótipo, mas como capítulo essencial da história nordestina. "Isso é parte da nossa cultura", diz, com um sorriso que carrega o peso e a leveza de quem sabe que seu ofício é também missão.

Para ele, a arte é fomentadora de conhecimento — uma ferramenta política e social que provoca diálogos em mesas de bar, salas de cinema e ruas. "As pessoas saem chorando, felizes ou indignadas", observa. "Isso é ouro", defende o artista, que tem como motivação não o aplauso, mas a possibilidade de semear consciência.

O Nordeste, afirma, é muitas vezes reduzido a caricaturas. Mas ele enxerga além: vê uma região produtora de cultura, resistência e talentos escondidos pela falta de oportunidades. "Somos inteligentíssimos, capazes, dignos", declara Aquino.

Trabalhar com o cineasta Kleber Mendonça Filho — com quem tem parceria no premiado *Bacurau* (2019) e o recente *O agende secreto*, que já disputa vaga no Oscar — é um privilégio que ele enaltece pela "resistência e qualidade reconhecida internacionalmente". E por falar em internacional, Thomás coloca uma no currículo: a série *Men of fire*, da Netflix, em que troca com artistas de diversos países e atua em inglês, inclusive encarando improvisos em outra língua. "Quero deixar minha marca pelo mundo", ele sonha, sem esquecer de onde vem.

Aos quase 40 anos — que coincidirão com 20 anos de carreira —, Thomás se sente mais jovem que nunca. "A maturidade traz clareza", reflete. Sua vaidade é saudável: cuida do corpo, da mente, da alegria. E sua dica para os mais jovens é cheia de humanidade: "Sejam focados, mas não se esqueçam de sorrir, de abraçar, de ouvir. A arte é feita de gente para gente."

Aquino gosta de deixar claro que a sua história não é só sobre sucesso, mas sobre representatividade que ressignifica estereótipos, sobre cinema que amplifica vozes silenciadas, e sobre um homem que carrega o Nordeste não como peso, mas como asa. "A arte, quando feita com integridade, não entretém, ela transforma", conclui.